



A CONSTRUÇÃO DO SEXO DO HOMEM NEGRO NA DIÁSPORA: UM ESTUDO SOBRE AS RELAÇÕES DE DESEJO NAS MASCULINIDADES DE VARÕES MIGRANTES NA ESPANHA

Suely Aldir Messeder ¹

Interessante iniciar este artigo com a indagação: Atualmente, quem é o Outro criado na Europa? Através dos meios de comunicação e da produção científica conclui-se que o Outro/a fabricada/o neste momento na Espanha, é sem dúvida o corpo abjeto dos imigrantes “sudacas”, africanos... , ou seja, todos aqueles localizados no sul, quando os situamos na oposição política e econômica norte e sul. No interior deste universo heterogêneo de imigrantes elegemos para compreender como objeto de estudo os atos performativos masculinizados marginalizados dos varões negros citados em função do imaginário da virilidade do homem negro, bem como ocorre o enredamento das categorias de sexo/raça, gênero/sexo, classe e nacionalidade em sua interação com as masculinidades hegemônica, subalternizada, com a feminilidade branca e consigo mesmo na dimensão do desejo².

Para uma pesquisadora da aérea de gênero/sexo que deseja romper com o contrato heterossexual compulsório foi preciso trilhar todo um corpo teórico para designar como objeto de investigação não o homem, mas sim o ato performativo masculinizado. Aqui se articula a teoria de Butler (1999) com as idéias de Connel (1996) sobre masculinidades. Desse modo, adentramos em quatro definições sobre masculinidades: hegemônica, subordinada, cúmplice e marginal. Daí abordá-la em suas três dimensões: de poder, de desejo e de trabalho. Vemos que, a masculinidade subordinada refere-se às relações específicas de gênero de dominação entre grupos de homens; na masculinidade subordinada, o simbólico se aproxima do simbólico da feminilidade; a marginalização refere-se à relação entre masculinidades nas classes subordinadas ou grupos étnicos. As masculinidades dos brancos, por exemplo, estariam construídas não só em relação às mulheres brancas como também em relação aos homens negros. Sendo assim, para entender as relações entre masculinidades, é necessário ir além de gênero/sexo e, para entender classe, raça etc., deve-se mover em direção à dimensão gênero/sexo. A meu ver, todas com exceção da hegemônica devem ser entendidas como subalternizadas, ou seja, assim como na explicação de Sartre (2004), não

¹ Doutora em Antropologia da Universidade do Estado da Bahia. suelymesseder@gmail.com



existiria o sujeito de direito judeu se não fosse o anti-semita, ou seja, não existiria o masculino subalterno em si mesmo, mas o ato masculinizado subalternizado e marginalizado³.

Entretanto, antes de seguir com os atos performativos masculinizados marginalizados dos varões negros imigrantes devemos aclarar como circula o mito da virilidade, e, sobretudo esclarecer que situar o mito em um momento histórico não significa buscar sua origem no tempo e no espaço. Para ser óbvia no sentido de que o imaginário sobre os homens negros, não se restringe a Península Ibérica, acredito ser bastante ilustrativo a descrição depreendida do meu diário de campo, numa cidade turística como Santiago de Compostela. Vejamos a cena antropológica:

Numa noite animada, eu e meu amigo baiano, nos divertíamos no interior de um bar na cidade de Santiago de Compostela. Escutávamos música ao vivo. Quando estamos próximos tenho a sensação de que aparentamos ser um casal, sobretudo porque somos carinhosos. Neste momento o bar estava cheio, todas as mesas estavam ocupadas. Enquanto conversávamos, um grupo de ingleses sentados numa mesa vizinha nos observava. Certamente porque meu amigo era o único negro. Eram duas mulheres e quatro homens. Meu amigo levanta, passa pela mesa deles, elas acompanham o seu movimento. Percebo que a mulher uma pouca mais velha desenha alguma coisa na capa de seu classificador, em seguida mostra o seu desenho para outra garota. Esta se incumbem a mostrar aos demais. Como a mesa deles é muito próxima da nossa, sem muito esforço consigo ver a figura que tinha sido desenhado, era um grande pênis. Nesta cena, o imigrante não havia percebido como a platéia mobiliza o imaginário do homem preto, enquanto um fragmento do seu corpo.

Na cita acima apreendemos que no aqui - agora existe a imagem do homem negro correlacionada ao pênis grande. Sem incorrer ao anacronismo histórico o homem negro sempre foi considerada uma ameaça pelos seus colonizadores europeus. É desse modo que o mito da virilidade vem se repetindo ao longo do tempo como uma das pautas dos atos performativos. Em seu texto “Reconstructing black masculinity” bell hooks (1999) analisa a relação dos afro-americanos com o

³ Desejo esclarecer que os interlocutores desta investigação foram varões de cor negra, com nacionalidade brasileira e angolana e varões autóctones na Comunidade Autónoma de Galícia. Embora, tenha entrevistados mulheres e varões pretos com nacionalidade cubana, mulheres brancas, outros da PALOP (Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa), do Congo e Senegal. Além da observação participante, conversas informais, entrevistas foram feitos três grupos de discussão com os autóctones. Foi realizado um total de 43 entrevistas gravadas. Destas 43 entrevistas, 10 foram com mulheres, 05 galegas que convivem com homens negros, 04 brasileiras e 01 cubana. As 33 entrevistas são com os homens, divididas: entre 08 entrevistas com homens galegos, 09 com angolanos, 10 com brasileiros, 02 cubanos, 01 senegalês, 01 caboverdiano, 01 da Guiné Bissau e 01 da República do Congo. No mercado laboral tem-se dois angolanos e outros dois da PALOP trabalhando no porto de Vigo, descarregando mercadorias, estes são serviços precários e não são registrados na seguridade social. Os outros exercem profissão parecidas com os brasileiros tais como pedreiros, padeiros e garçons. Com exceção de dois angolanos bastantes corpulentos que trabalham como porteiro em bares noturnos. Dos homens negros entrevistados oito havia concluído ao curso universitário. Entre os brasileiros tinha um arquiteto, estava casado, encontrava-se trabalhando com desenhista de páginas web. Entre os angolanos havia dois com diploma de nível superior, um mais jovem que estudou na Universidade de Santiago de Compostela, professor de Inglês, o outro, era contador, mas tinha certeza da impossibilidade de exercer sua profissão, trabalhava como garçom. Entre os brasileiros tinha também professores de capoeira. Entre os cubanos: um fisioterapeuta e outro músico. O senegalês era sócio de uma loja de artesanaria africana, mas também trabalhava como vendedor ambulante. Os homens galegos entrevistados: 01 funcionário público, 01 garçom, 01 publicitário, 02 dono de bar, 01 modista, 02 trabalhavam no sindicato. Havia um transexual. As citações transcritas no decorrer do artigo obedecem a falas dos entrevistados com suas incursões seja no galego, seja no castellano.



modelo patriarcal de masculinidade. A autora nos conta que nas comunidades negras tradicionais quando se diz a um homem que seja um homem, este homem está sendo levado a uma identidade masculina baseada no ideal patriarcal. A autora debruça-se na literatura teórica sobre os afro-americanos verificando que na sua grande maioria ela está baseada na vida de comunidades negras urbanas e nos oferece uma visão de uma masculinidade negra homogênea. A autora tece uma crítica pela pouca profundidade que tem essa literatura ao lidar com a construção convencional da masculinidade patriarcal, bem como o homem negro sofre o processo de interiorização desta norma ao longo da história. bell hooks denuncia que estes textos descrevem todos os homens negros como fracassados, psicologicamente perigoso, violentos, maníacos sexuais, cuja enfermidade deriva da incapacidade de cumprir com o destino masculino patriarcal no contexto racista. Para a autora, muitos afro-americanos absorveram pacificamente estas representações limitadas da masculinidade negra.

Para bell hooks, embora a política de gênero da escravidão tenha negado aos homens negros a liberdade de atuar como homem dentro da definição dada pela cultura branca, esta noção de masculinidade foi adotada igualmente como modelo para mensurar o progresso do homem negro. A imagem da masculinidade que emerge das narrativas dos escravos é uma imagem de homens trabalhadores que desejam assumir a completa responsabilidade patriarcal na família e na comunidade. Diante desta imagem parece paradoxal, o estereótipo dos homens negros como preguiçosos e vagais, no entanto seguem ainda neste século, as representações dos homens negros como figuras ridículas, interessadas somente em beber e divertir-se.

Na literatura brasileira de base nacionalista deparamos com o mito da miscigenação, cujos homens indígenas e negros foram negados, enquanto contribuintes da taxa de fecundação dos brasileiros legítimos. A virilidade do homem negro foi invisível, rechaçada e controlada pelo discurso nacional brasileiro. No investimento sobre a formação do caráter brasileiro, Leite (2002: 228) menciona a fase romântica do nacionalismo como uma etapa que se encontra uma imagem positiva do Brasil e dos brasileiros, embora denuncie que José de Alencar não consuma o casamento da moça branca com índio, o que talvez seja uma forma de preconceito contra os indígenas. Posteriormente, com os estudos sobre relações raciais do Brasil, Laura Moutinho compila uma série da literatura brasileira que mostra que o casamento entre o homem negro e a mulher branca é um tabu, cuja transgressão acarreta uma desgraça para o casal.

Se no passado patriarcal escravocrata como nos revela bell hooks o varão negro foi visto como uma ameaça para o regime patriarcal escravocrata e respostas diferentes foram dadas a



depende de onde se encontra o discurso nacionalista. A pergunta a ser percorrida neste artigo é como em tempos atuais no marco falocêntrico o mito da sexualidade do homem negro é repetido pelos varões negros no outro lado do atlântico. Muitos dos imigrantes não chegaram diretamente na Galícia, mas sim de outros grandes centros ou metrópoles, com efeito, alguns são conhecedores do atrativo sexual da pele negra na Europa, portanto como já vimos esse atrativo não se limita ao território galego. Podemos verificar através de depoimentos de migrantes que já migrou para outras partes da Europa:

O mito que eu tinha... Tive um professor, por sinal foi uma pessoa muito importante na minha vida na época da faculdade, que me definiu umas coisas. Era uma dessas pessoas que tinha definições da vida que se aplicava. Perdia tempo conversando com esta pessoa sentava num bar, conversamos da vida e ele me disse uma vez quando eu todo contente conversando com ele que tinha a idéia inocente essa... De que quando eu fosse para Europa eu iria brilhar no terreno sexual... Eu tinha essa idéia e ele me disse: agora você tem que ter a idéia de que lá você vai ser um pedaço de carne... Você vai ser um pedaço de carne, você não vai conseguir... Não sei se você vai conseguir aprofundar e manter uma relação estável e discutir os problemas da vida e trabalhar sobre ele... ou seja, ter uma família neste sentido organizada, quando você quiser ter uma família, porque se você vai com esse pensamento é o que você vai encontrar ...então, enquanto você for carne você vai ter a possibilidade de ser somente na superfície ... Eu gravei isso... Infelizmente gravei isso... E quando cheguei aqui vi o quanto isso era verdade, quando eu quis, quando também não quis... Não negociava com o mito, tinha ele presente... Mas certo me deixava intranquilo neste sentido. (brasileiro, 39)

Nesta cita vemos que o nosso interlocutor já era munido de informações acerca da atração sexual que o europeu ou europeia possuem sobre o varão preto, mas ao mesmo tempo, sabia do risco de ser reduzido ao seu sexo. Para ele a montagem do homem preto, enquanto objeto sexual alheio era um dado concreto. Se ele enquanto sujeito baixasse cabeça nesta produção do Outro, ele não conseguirá integrar-se a este novo mundo como cidadão completo, mas sim, como um fragmento. Seguiremos abaixo com os atos performativos masculinizados marginalizados diante da sua interação com o varão que cita os atos performativos hegemônicos.

A relação com os varões que repetem os atos performativos hegemônicos

Sigamos a cita do nosso interlocutor de angola, professor de inglês, quando se refere ao imaginário do mito que possui os seus amigos heterossexuais branco:

Normalmente é bastante fácil, tenho isto bastante claro, porque tenho uns amigos que são bastante pícaros em relação a isso, muitas vezes eu vou à casa a jantar e ele com a mulher dele ele sempre está a fazer, por exemplo... vocês assim de *color* têm um tranca assim grande, ou seja, o mito eles tem bastante assumido também em toda Europa seja aqui, em Portugal ou Inglaterra sempre fazem brincadeiras e aí muita disposição de abordar este tema a moda de anedota, rir-se um mocado. Eu volto a te dizer é sempre uma coisa de pícaro este meu amigo sempre volta para esse tema, apesar de não dar muita importância sempre está aí, no meio da conversa sempre aia alguma coisa (Angolano, 24 anos).



No campo da sexualidade o mito é tomado como uma paródia, uma piada, para a masculinidade branca hegemônica. Passamos a verificar como são os atos repetidos em função do interpelador ser o varão que cita ato masculinizado subalternizado.

A relação com os varões que repetem os atos performativos subalternizados

Aqui é reconhecido que existe um campo do desejo erótico estruturado, os imigrantes possuem a consciência clara do interesse sexual, por parte do outro varão, acompanhamos a cita:

É eu conheço um homossexual, ele também tem fantasia, tinha um que dizia que queria dormir comigo. Que iria a ver. Que os negros têm o pênis enorme, como na realidade eu não sou homossexual se eu fosse pode provar que até incluso me pagaria porque ele queria te dou dinheiro e aquilo, Aí eu disse: Si queres tem aí paisano que vão com gay. Aí ele disse que queria ir comigo porque a mim ele conhecia e era uma fantasia isso de pênis enorme... Essa moda ver películas e relaciona a isso. E que reconhecer eu já escutei comentários... (angolano, 30 anos).

Na cita acima vimos que o nosso interlocutor tem o domínio da “fantasia” erótica que os homens negros exercessem sobre estes os varões, e arrisca que esta fantasia do pênis grande dos negros é difundida pelos filmes. Prosseguimos com uma conversa informal, que acredito ser bastante pertinente para entender como existe uma engrenagem bastante complexa entre o desejo sexual e o racismo:

Te conto, porque para mim me pareceu bastante raro, estava na discoteca e tio ligando comigo, então nos aproximamos e... fomos para o meu piso, quando estávamos follando, percebia que tinha uma cara de nojo, olhava para a minha pele de forma esquisita, mas ao mesmo tempo desfrutava com a penetração. No final tive muita gana de nunca ter levado este tio para minha cama, sentir o racismo nu e cru.

Na cita acima podemos refletir sobre dois temas a partir da sugestão de Roger Batisde (1970). Primeiro a idéia de que estes encontros sexuais inter-raciais ocorrem basicamente pela idéia de que estes varões negros são virilmente superiores ao branco. Segundo, que estes encontros no interior das relações sexuais ou o cortejo que o precede aparentemente são momentos privilegiados de desafio ao racismo, mas ao fim de cabo resulta em um racismo explícito ou disfarçado. Por conta dessa memória coletiva encravado nos corpos racializados. Valeria a pena explorar com mais requinte esta dimensão do desejo, sobretudo por conferir nesta dimensão a forma intensa de masoquismo, sadismo e narcisismo concomitantemente, sobretudo, quando estes encontros não são meramente ocasionais. Daí, efetivamente, poderia aprofundar sobre como as masculinidades ambas subalternizadas podem ser abraçadas pelos seus agentes mediante os sentimentos de vulnerabilidade ou cumplicidade, quando eles desafiam a ordem da racialização e da heteronormatividade. Passamos a entender como se processa os atos performativos diante a feminilidade branca.



A relação com a feminilidade branca autóctone

As duas cenas descritas depreendo do meu diário de campo:

Numa conversa com uma colega galega socióloga, ela conta-me que saiu uma noite com uma amiga, cujo marido é negro, e a conversação dos três girava entorno de que o homem já estava enfadado pelas insinuações sobre o seu pênis, e as diversas tentativas de chamarem para uma noite de prazer. Por outro lado, mantive contato com um brasileiro que veio para Galícia para tentar investir na sua carreira de futebolista, segundo ele já havia jogado em grandes times no Brasil, e também na Itália, com o passar do tempo, conseguindo apenas jogar no time de terceira divisão, cujo pagamento sempre era uma incerteza. Neste ínterim, ele começou a sair com uma mulher galega, logo em seguida foi viver em sua casa, porque ele não tinha como se sustentar, enfim estava agora com roupas novas e adereços novos. Numa certa vez, contou-me que ao conversar com seu pai pelo telefone mesmo que na presença dela, em sua casa, cita: *Mira pai se quiser vim morar aqui, tudo bem, as mulheres daqui gostam de ver a coisa preta (alusão á sua genitália).*

Acima vemos que os nosso interlocutores sabem que é possível que seus romances estejam sobrevivendo pela atração que a mulher branca tem sobre o sexo do homem negro. Escutamos a próxima cita:

Mas eu levo como uma piada um chiste para mim eu acho me dá risas isso, mas muita gente pensa fantasia muito a historia assim maluca que o latino ou homem negro é melhor ou entende muitas mulheres aqui procuram os homens por conta disso, neste ponto eu procuro passar um pouco porque para mim todos são iguais (brasileiro, 32 anos).

Aqui o varão mostra que tem consciência que a mulher poderia buscá-lo por conta da idéia de que os homens negros, brasileiros e latinos são melhores do que os demais varões na questão sexual. Embora, ele encare toda esta questão como fantasias, que em última instância todos são verdadeiramente iguais. Na cita abaixo o nosso interlocutor baseia-se no determinismo geográfico em função do suposto principio de materialidade do mito:

Não sei se bom para o africano ou não, quem tem que dizer isso são elas, mas eu penso, não sei se é do calor que agente apanha lá na África. (angolano, 47 anos)

Abaixo segue o diálogo cujo conteúdo revela a mulher branca como a principal criadora e divulgadora do desempenho sexual do homem negro:

Bem quer dizer isso que elas falavam no início eu não entendia muito, mas conforme elas se agarravam a mim tanto que uma das amigas dela fez de tudo para passar por detrás da outra amiga dela que era para fazer sexo comigo, para ela comprovar que amiga me dizia... eu penso que elas comprovaram isso que realmente hai uma diferença entre raça branca e raça negra..penso que sim que elas próprias descobriram isso...Penso que sim elas mesmo que descobriu ela mesma me chegou a dizer que já fez sexo com mais pessoas, mas que: - Tu me fazes gozar varias vezes muitas vezes eu estou. Eu gozo contigo - Outra coisa que ela me dizia também: - É que tu fazes sexo comigo, mas o pênis não se arria facilmente- Ela se admirava muito... muitíssimo,...muitas vezes estávamos dormindo e ela passava a mão por cima e a coisa estava sempre... (angolano, 47 anos).

Nas duas citas acima vemos que prevalece a idéia de raça e do clima em nosso interlocutor. E é justamente por estes dois fatores e mais pela afirmação da mulher branca que ele chega à crença



de que de fato existe uma diferença entre a sua sexualidade e do homem branco. Na leitura das entrevistas e nas conversas informais a idéia mais recorrente baseava-se na crença de que mulher branca descobriu e difundiu a competência sexual do homem negro. Abaixo escutamos a citação:

Sim posso dizer que sim as mulheres brancas quando elas vêem um homem negro pensam que tem um instrumento sexual grande e vão baseando nisso, não sei, não sei penso que sim, às vezes no meu trabalho elas brincam com isso quanto mede? Eu costumo dizer que é pequena, isto não importa a maneira de se Sim posso dizer que sim as mulheres brancas quando elas vêem um homem negro pensam que tem um instrumento sexual grande e vão baseando nisso, não sei, não sei penso que sim, às vezes no meu trabalho elas brincam com isso quanto mede? Eu costumo dizer que é pequena, isto não importa a maneira de ser. E tal, mas em Portugal posso dizer que em Portugal sim, as portuguesas ah! Tem que provar para ver brincava muito assim, é um mito... (E os homens também?) Acho que sim, os homens também bromeam... cuidado que meu grande essas coisas uns amigos meus que bromeavam muito ...mas não creio que isso passa por isso com homem também grande pequeno e como vai ser...Lá em Portugal as raparigas são mais retraídas aqui elas são mais livres , não mais livres são mais diretas, são (E Holanda) africanos africano não hay muito mas também tem esse mito...elas me dizem sou virgem não me mate, mas a multicultural.e tal, mas em Portugal posso dizer que em Portugal sim, as portuguesas ah ! Tem que provar para ver brincava muito assim, é um mito... (E os homens também?) Acho que sim, os homens também bromeam... cuidado que meu grande essas coisas uns amigos meus que bromeavam muito ...mas não creio que isso passa por isso com homem também grande pequeno e como vai ser...Lá em Portugal as raparigas são mais retraídas aqui elas são mais livres , não mais livres são mais diretas, são (E Holanda) africanos africano não hai muito mas também tem esse mito...elas me dizem sou virgem não me mate, mas a multicultural. (angolano, 28 anos)

Na citação acima reunimos conteúdos citados anteriormente sobre como os varões heterossexuais branco encaram o mito da sexualidade do homem negro: como uma piada. Acrescentamos que o mito é reconhecido nos países da Europa: como Portugal, Espanha e Holanda. Além disso, mostra que existem as diferenças entre as mulheres de acordo com suas nacionalidades, expondo que as mulheres portuguesas são mais conservadoras do que as demais. Passamos a verificar que internamente os homens negros não se entendem como no bloco monolítico, também se compreendem em suas nacionalidades. Vejamos a seguinte cita:

Sim eu acho, tive uma rapariga na Holanda que me agüentou quase um ano, sem eu trabalhar, ela me pagava meu salário só para eu manter em casa, só pelo sexo, e eu aprendi falar bem o holandês com ela e eu perguntei por que, mas ela andou com determinadas pessoas até mesmo negros surinames, mas a diferença é que você é um negro de África, e tu me fazes como é mesmo que ela me dizia... queria ver sexualmente, coisa que nunca aconteceu com homens já andei dizia isto, (angolano, 48 anos)

A cita acima sugere que existe um mercado estruturado, na qual as mercadorias: o sexo e a competência do ato sexual, cujo vendedor valoriza a sua origem. Aqui, podemos deduzir que a sexualidade aparece no campo do primitivo, neste sentido a África Negra é algo conservado *in natura*, selvagem, livre como animais. Aqui recordo das aulas com Elísio Macamo moçambicano professor da – Bayreuth University/ Alemanha, cuja narrativa tinha sido de que o lugar considerado mais apropriado para fazer um Congresso sobre a África na Alemanha foi o Jardim Zoológico.



Como realmente aconteceu. Prosseguimos com a idéia entre as gradações de cores e a sexualidade mais ou menos vigorosa:

Você é brasileiro as mulheres gostam e se é negro gostam mais ainda... os homens os gays já não sei (RISADA)S... geralmente pergunta se é brasileiro... e insinua creio que sim tem um negócio que dizem que os negros são dotados Elas pensam nesse mito Ser negro... As mulheres sim. temos que usar as armas que temos... (brasileiro, 23 anos)

Este gradiente de diferença no discurso fica mais claro quando o homem africano reivindicou para si o mito, não basta ser negro tem que ser africano. Na cita sigamos com a idéia da diferença entre o africano negro e outros homens negros, e acrescentamos à idéia de o varão negro é reduzido a uma mercadoria desfrutável. Para entender se o processo de racialização via o pênis grande e potente é algo exclusivo na segunda diáspora, ou seja, em sua situação como homem migrante, pergunto se em seus países de origem as pessoas também se mostram este interesse sexual pelos homens negros. Vejamos a opinião do brasileiro de 37 anos:

Namorei com várias brancas no Brasil...não, não nunca notei naquela época também porque eu estava imerso (na cultura) também nas minhas relações com ela eu não via outra historia, mas sim que eu tive problema em relação a preconceito racial. A mãe dela chegou e disse: “ele é uma boa pessoa” e eu disse: o problema pode ser esse ,eu não tenho maneira de negociar com o pai eu nunca nem tive relação ...porque ela tinha muito medo e eu não a aceitei tinha muito medo da reação do pai e eu não aceitei naquela época, também não aceitaria...(brasileiro, 39)

Na cita acima não aparece à idéia da força sexual do homem negro como algo que poderia construir a masculinidade do homem preto brasileiro, mas sim o preconceito racial. Aqui o interlocutor dissocia a idéia do sexo da idéia da raça.

Elas (mulheres negras) já estão acostumadas com isso não falam nada, mas a raça branca que estão com os negros comenta. Também em Angola, eu que vive a era colonial pela idade que eu tenho, diziam que é um problema familiar que ela tinha esse negro e...filha disse: “Mãe, a senhora não imagina o quanto nós perdemos por está com esses homens brancos, quando temos um homem negro, o homem negro nos faz delirar em quase sempre, quando temos sexo com ele”...por isso, isso minha mãe quando diz que eu tenho que deixar ele, eu me mato ou desapareço com ele para sempre Como ela era filha única ...(angolano,47 anos)

Este interlocutor angolano separa os dois universos de mulher branca e mulher negra mesmo em seu lugar de origem. Para ele, as mulheres brancas são desejosas vorazes da força sexual do homem preto. Voltando ao contexto migratório, vejamos a cita:

Sinto-me mal quando falam certas coisas que não são verdade às pessoas aqui falam sobre a vida dos emigrantes os espanhóis não querem saber nada sobre os emigrantes os espanhóis e quando querem saber é o mal se tem pênis grande se não tem...e tal pega tão mal quando uma espanhola anda com o negro. (angolano, 32)

Este depoimento esclarece que apesar do estereótipo da força sexual masculina ser considerada positiva no âmbito do mercado sexual, nem todos concordam com esta positividade, e



expõem esta preocupação como algo vinculado ao Outro, neste caso o imigrante. Existe também a idéia de este mito atribuído ao negro afeta diretamente a mulher branca que se encontra relacionado com eles.

A relação do varão consigo mesmo

Acredito que a cita abaixo é muito pertinente para se pensar o mito fundador em suas diversas facetas:

Tem um lado positivo e negativo, então fala que tem uma cultura dos poetas das musicas tradicionais, mas hoje as mulheres têm uma inquietude essa vontade de saber como é... Mas escondidinho,... Hoje em dia esta cada vez mais fácil ver galega com braço dado com o negro toda orgulhosa sabe, mas é difícil realmente que as pessoas galegas assuma que o mito es um mito as pessoas são dependentes das constituições como posso dizer dessa constituição de raça, sabes, porque o homem pode ser sexualmente ativo tanto o negro quanto e pode ser também impotente ...como non? E também é outra coisa negativa um menino que tem uma aqui hai muitos imigrantes que vem africanos, brasileiros que em seu país não tem tanta experiência sexual sabes, e quando vai ter uma relação com a menina ...essa paranóia de ter o mito e essa menina esta comigo porque crê que vai dá , eu tenho membro viril porque é natural meu que Deus deu, deu meus pais deu a minha raça, mas eu não vou render suficiente, porque eu não tenho tanta experiência sexual...entendes, donde quero chegar? Entende? Eu tive esta sorte porque eu tenho uma experiência detrás porque eu venho do Brasil e ali respirar sexualidade as pessoas são muito abertas na Bahia são outra vez aberto, falam de sexo abertamente se tocam se abraçam... não tem paranóia os amigos me falam tive com uma menina ontem e não rendi cara não me levantou sabes, estas besteiras ES assim...Sabes dá” (brasileiro, 42 anos)

No depoimento vemos que o interlocutor pondera diante das diversas facetas do mito. A primeira é como a mulher desafia a ordem do mito, quando se encontra de mãos dadas com negro na rua , ou seja, escancara a relação no plano público. A segunda que é difícil de um modo geral, sobretudo que as pessoas brancas entendem que isto não passa de um mito, no sentido mais etimológico de narração publica de feitos lendários da comunidade. A terceira pode ser a própria desintegração do mito, por conta da totalidade de expectativa do Outro e agente reprodutor não corresponder ao mito. A quarta é como as relações inter-sexuais poderiam ser menos problemáticas com aberturas e verdades.

De uma forma geral podemos apreciar que nas citas dos varões em função do imaginário do mito da sexualidade do homem negro aparece de forma coexistente aos determinismo biológico, geográfico, e cultural. Poderíamos refletir a partir destas citas que existe a necessidade do princípio de verdade no imaginário, é como se o significante tivesse que ter a materialidade para os interlocutores. Para todos eles, o casal mulher branca e homem negro rompem à lógica existente. Apreciamos através das citas que eles acreditam que a mulher branca é responsável pela criação e a divulgação da virilidade deles, mas ao mesmo tempo, alguns acreditam que esta idéia não passa de um estereótipo criado que tanto pode prejudicá-los, como pode também prejudicar as mulheres



brancas envolvidas com eles. Vimos também que eles acreditam que a masculinidade hegemônica branca considera o mito um piada, apesar de insistir com o tema nas conversações. Observamos que existe um processo de mercantilização do pênis, ou seja, em tempos do capitalismo atuais o exótico é uma mercadoria.

Será que em tempo atuais podemos considerar que existe a liberdade no desejo sexual das mulheres brancas e dos varões subalternizados brancos na relação entre o ato performativo masculinizado marginalizado? Em que medida estes desejos desafiam o tabu do casal inter-racial. Em que medida o enredamento de classe, raça/etnia e gênero/sexo se complexifica na dimensão do desejo? Acredito que alguns estudiosos podem tentar responder de forma ligeira, sem aprofundar na questão no âmbito do desejo. De um lado, nos estudos de base estatística insinua-se que existe um mercado matrimonial escasso do homem branco. Do outro lado, os estudos sobre turismo no Caribe afirmam que essas mulheres brancas estão situadas fora de um mercado estético mais exigente. A meu ver estas respostas só fazem respaldar a moralidade da masculinidade hegemônica, porque efetivamente despreza a dimensão do desejo que podem ser repetidos, mas nem sempre a repetição é uma cópia fiel, quer seja por parte do varão negro, quer seja por parte do varão ou da fêmea, ambos subalternizados. Será que é no campo do desejo que os seres humanos podem ser verdadeiramente surpreendidos? Apesar de não se situar fora da cultura ou de todo que nos é imposto? Será que neste campo que nos reencontramos com a dignidade perdida pela serialização dos seres humanos enredados na classe, prestígio social, sexo/gênero, raça/etnia e nacionalidade?

Será que esta valorização do mito fundador vinculado à sexualidade excessiva do Outro é pertinente no que diz respeito à passagem entre o capitalismo escravocrata patriarcal e capitalismo pós-moderno falocêntrico no campo do poder? Quem ganha e quem perde? Ou, nada muda. Será que é possível os varões imigrantes pretos da segunda diáspora articular sua auto-figuração no espaço, no qual a linguagem, os signos culturais, o mercado de trabalho e outras tecnologias de expressão situam num lugar de marginalidade, de um não eu, ou de um eu incompleto?

Bibliografia

ANDERSON, Benedict. *Nação e Consciência Nacional*. São Paulo: Ática, 1989.

BASTIDE, Roger. *Le prochain et le lointain*. Paris: Éditions Cujas, 1970.

BUTLER, Judith. *Mecanismos psíquicos del poder: Teorías sobre la sujeción*. Madrid: Cátedra, 2001.

CONNEL, R.W. *Masculinities*. Berkeley: University of California Press, 1996.



HOOKS, bell. *Race and representation*. New York, Routledge, 1992.

LEITE, Dante Moreira. *O caráter nacional brasileiro*. São Paulo: Unesp, 2002.

MÉNDEZ, Lourdes. *Antropologia feminista*. Editorial Sintesis, Madrid, 2007.

MESSEDER, Suely Aldir. *Ser ou não ser: uma questão para pegar a masculinidade*. Editorial Uneb: Salvador, 2009.

MARX, Anthony. *Race and nation: a comparison of the United States*. Cambridge University Press, 1997.

MOUTINHO, Laura. *Razão, “cor” e desejo: uma análise comparativa sobre relacionamentos afetivos- sexuais “inter-raciais” no Brasil e na África do Sul*. São Paulo: Editora da Unesp, 2004.

PINZÓN, Carlos, GARAY Gloria: *Violencia, Cuerpo y Persona. Capitalismo, multisubjetividad y cultura popular*, Bogotá, Equipo de Cultura y Salud ECSA, 1997.